

## A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM E APRENDIZADO: RELATO DE MONITORIA EM INTRODUÇÃO À FOTOGRAFIA

LÍVIA TAVARES CAMPELLO<sup>1</sup>; LIZÂNGELA TORRES DA SILVA MARTINS COSTA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [lilith.gitana.tarot@gmail.com](mailto:lilith.gitana.tarot@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [lizangelatorres@gmail.com](mailto:lizangelatorres@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Durante o semestre letivo de 2025/1, realizei monitoria remunerada para as três turmas (X1, X2 e X3) de Introdução à Fotografia do curso de Artes Visuais – Licenciatura, ministradas pela professora doutora Lizângela Torres, que ocorreram no Ateliê e Laboratório de Estudos em Fotografia (ALEF) do Centro de Artes (CA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Após ter cursado a disciplina Introdução à Fotografia no curso de Artes Visuais – Bacharelado, em 2022/2 e, posteriormente, atuado como monitora na mesma disciplina, porém do curso de Artes visuais - Licenciatura, passo aqui a relatar algumas das experiências vividas, tanto no acompanhamento das aulas quanto nas atividades teóricas e práticas de suporte técnico e artístico aos estudantes.

Destaco na minha percepção da disciplina, que para muitos alunos essa experiência foi um primeiro contato mais sistemático com a linguagem fotográfica, além de um domínio técnico, visto que aprender fotografia envolve compreender sua potência como forma de expressão e construção de seus sentidos. Como afirmou González Flores (2005, p. 21), “a fotografia é, por definição, uma técnica híbrida, resultado da convergência entre a ciência e a arte, a ótica e a química, o saber prático e a imaginação”. Essa perspectiva ajuda a compreender a proposta da disciplina, que busca articular fundamentos técnicos e reflexões conceituais. Sendo assim, “aprender fotografia é também aprender a desconfiar das imagens, entendendo-as como construções e não como meros reflexos da realidade” (GONZÁLEZ FLORES, 2011, p. 52), algo que esteve presente nas discussões em sala de aula ao longo do semestre.

### 2. ATIVIDADES REALIZADAS

A disciplina ocorreu no semestre letivo de 2025/1, na qual foram realizados dezoito encontros presenciais no Laboratório de Estudos em Fotografia (ALEF). As aulas foram divididas entre partes teóricas e práticas, contemplando estudos sobre a evolução da fotografia e seus processos, desde a natureza fotoquímica até as tecnologias digitais, articulando fundamentos históricos, reflexões sobre a linguagem fotográfica e práticas de criação de imagens.

O objetivo central da disciplina foi propor aos alunos um panorama amplo da fotografia, abordando tanto seus aspectos técnicos quanto conceituais. Na minha experiência, atuando como monitora da professora Dra. Lizângela, pude auxiliar os estudantes em diversas atividades práticas. Uma delas foi a elaboração de latinhas para *pinholes* (Imagem 1 e 2), que são câmaras escuras artesanais. Esse processo

permitiu que os alunos experimentassem, na prática, um dos princípios ópticos fundamentais para a invenção da fotografia.



Imagen 1. Alunos confeccionando suas latinhas de pinholes, 2025.



Imagen 2. Resultado das fotografias de pinholes, 2025.

Desde a Antiguidade, pensadores como Aristóteles já haviam observado que a luz, ao atravessar um pequeno orifício, projeta uma imagem invertida do mundo exterior em uma superfície oposta. Esse fenômeno foi sistematizado por grandes estudiosos do Renascimento, como Leonardo da Vinci, e tornou-se a base para o desenvolvimento dos aparelhos fotográficos. Como afirma Kemp (1990, p. 98), “a câmara escura ofereceu aos artistas uma prova empírica de que a visão podia ser traduzida mecanicamente em imagem, aproximando ciência e arte”. Esse exercício, embora simples, despertou nos alunos grande entusiasmo, pois possibilitou compreender a fotografia como um resultado direto de um fenômeno físico-natural. Os fotogramas (Imagen 3) também revelaram-se como uma atividade marcante para os alunos: trata-se de uma técnica fotográfica sem o uso de câmeras. Nessa prática, objetos diversos eram dispostos sobre papéis fotossensíveis, que depois eram expostos à luz e revelados no laboratório. O resultado consistia em imagens de silhuetas e sombras, explorando a materialidade dos objetos e as nuances tonais do papel.



Imagen 3. Resultado dos fotogramas dos alunos, 2025.

Como técnica muito experimentada durante as vanguardas europeias do século XX, sobretudo por artistas ligados ao dadaísmo e ao surrealismo, o fotograma possibilita o entendimento de um dos princípios fundamentais da fotografia: a fotossensibilidade de um suporte. Man Ray destacou-se ao desenvolver os chamados *rayographs*, nos quais experimentava a justaposição de objetos sobre papéis fotográficos, criando fotografias carregadas de estranheza e poesia visual. Outro artista que explorou intensamente a técnica dos fotogramas foi László Moholy-Nagy, vinculado à Bauhaus.

Para ele, o fotograma representava uma possibilidade de libertar a fotografia da mera função de registro e aproxima-la da criação plástica. Como afirma o autor, “o fotograma é a expressão mais direta da essência da fotografia, pois resulta da ação imediata da luz sobre a superfície sensível, sem a intervenção da câmera” (Moholy-Nagy, 1969, p. 38).

Essas experiências serviram de inspiração para os alunos, possibilitando a descoberta de práticas que, aparentemente simples, carregam uma dimensão experimental artística profunda, aproximando a fotografia de processos criativos ligados às artes visuais, como nas vanguardas históricas, e até mesmo ao conhecimento da própria história da arte e da fotografia.

Além dessas atividades, os estudantes também foram introduzidos ao uso das câmeras digitais, explorando os recursos manuais da câmera como profundidade de campo, composição visual e criação de light painting. O cronograma contemplou ainda exercícios como a fotografia documental, experimentações também inspiradas nas vanguardas artísticas do século XX.

Houve também outras práticas com fotografia de base fotoquímica: saída de campo para a captura fotográfica com câmera analógica e as práticas no laboratório, como ampliações de filmes fotográficos. Ainda dentro dos processos tradicionais da fotografia, os alunos produziram cianotipias. A cianotipia chamou bastante atenção, por ter de uma tonalidade azul misteriosa e por necessitar de poucos materiais para executá-la. Foi inventada por John Herschel em (1842) e caracteriza-se pela simplicidade e pelo efeito visual intenso proporcionado pelo azul da Prússia. Além disso, a cianotipia foi o procedimento da primeira publicação ilustrada com fotografias, elaborada pela botânica Anna Atkins (1843). Ela utilizava a técnica para criar impressões botânicas detalhadas, demonstrando que “a cianotipia permitia registrar formas naturais com precisão e beleza, sem necessidade de câmeras complexas” (ATKINS, 1843, p.3).

Ao longo do semestre, percebi que a monitoria se consolidou como um espaço de mediação e troca, em que pude auxiliá-los e também compartilhar reflexões estéticas e históricas que ampliaram o entendimento da fotografia para mim.

### 3. CONCLUSÃO

A monitoria em Introdução à Fotografia foi, para mim, uma experiência inexplicável e muito enriquecedora que uniu formação acadêmica, prática docente e amadurecimento artístico. Acompanhando a trajetória dos estudantes, desde construção de câmaras escuras às experimentações com fotogramas, das primeiras fotografias digitais às técnicas de analógicas, pude perceber como os alunos se desenvolveram e evoluíram bem conforme o decorrer da disciplina e realizaram as atividades com êxito.

Mais do que auxiliar na execução de tarefas, a monitoria me possibilitou revisitar fundamentos, refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, além de ampliar meu próprio olhar na fotografia. Assim, este relato nos reforça a importância da monitoria acadêmica não apenas como apoio pedagógico, mas como espaço de formação sensível e coletiva, que contribui para a consolidação da fotografia como campo plural de conhecimento. Agradeço a professora Dra. Lizângela pela oportunidade e todo o seu ensinamento a nós, estudantes e monitora.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINS, A. **Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions.** London: Privately published, 1843-1853.

GONZÁLEZ FLORES, L. **Fotografia: entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: Senac, 2005.

GONZÁLEZ FLORES, L. **Imagen e memória: ensaios sobre fotografia e cultura visual.** São Paulo: Hedra, 2011.

MAN RAY. **Les rayographs.** Paris: Editions de la Galerie, 1922.

MOHOLY NAGY, L. **Painting, Photography, Film.** London: Lund Humphries, 1969.

KEMP, M. **The science of art: optical themes in western art from brunelleschi to seurat.** New Haven: Yale University Press, 1990.

HERSCHEL, J.F. W. **On the Action of the Rays of the Solar Spectrum on Vegetable Colours, and on Some New Photographic Processes.** Philosophical Transactions of the Royal Society of London, v. 132, p. 181–214, 1842.